

Diferencial

Jornalismo independente do Técnico anterior ao derramamento de fenol

Quinzenal (sai às quintas)

Nova Série, n.º 8, 5 de Junho de 2008

Entrevista a Graça Moura

O acordo ortográfico gerou grande polémica na sociedade portuguesa. Vasco Graça Moura explica em entrevista os motivos da sua oposição ao que já é considerado um desacordo.

Página 3

Nova direcção



O Diferencial falou com Jean Barroca, recém-eleito presidente da direcção da AEIST.

Página centrais

Retrata-te

Achas-te o típico aluno do IST? Ou és completamente diferente? O Núcleo de Arte Fotográfica propõe tirar o retrato do aluno do Técnico. Uma ideia simples e original: lê e informa-te como participar!

Páginas 6

Alkantara, últimos dias

O Diferencial acompanhou o festival de artes performativas.

Página 6



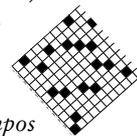
Rapidinhas

Os novos estatutos da UTL, as inscrições para o segundo ciclo, conversas informais com pastéis de nata, o programa de mentorado e uma novo protocolo do IST são as rapidinhas desta edição. Para saber tudo, basta ler.

Página 7

Palavras cruzadas

Com as aulas a acabar e o sol (finalmente) a aparecer, nada melhor que uns passatempos quentinhos para animar. Exames? Quais exames?.



Página 7

Cheira mal, cheira a fenol

Evacuação boca-a-boca, limpeza em três actos: o derramamento de fenol na torre de Química mostrou as falhas do Técnico na resposta a acidentes

Na passada quinta feira, pelas quatro da tarde, a Torre Sul, os complexos de Minas e Química foram evacuados devido ao derrame de substâncias químicas, entre as quais fenol. O procedimento repetiu-se na sexta-feira à tarde.

Um contentor de fenol foi perfurado acidentalmente quando era transportado para entrega no laboratório do Prof. Jorge Carvalho, nas traseiras da Torre Sul. O conteúdo, uma solução aquosa de compostos de fenol, espalhou-se rapidamente com a ajuda do vento. A propagação dos compostos “ocorreu junto às condutas de ventilação do edifício, por isso é que se espalhou pela torre”, segundo o Prof. Henrique Matos, do Departamento de Engenharia Química e Biológica (DEQB). Já o Prof. Jorge Carvalho, responsável pela instalação piloto onde eram esperados os reagentes, afirma que o fenol apenas entrou na torre através das janelas abertas perto do laboratório.

O cheiro atingia diversas localizações, como relata João Carneiro, aluno de Eng. Física e Tecnológica e investigador do Centro de Modelização de Reservatórios Petrolíferos, no pavilhão de Minas: “o cheiro era tão intenso que tivemos de abandonar o gabinete, e no dia seguinte sentia-se o fenol no bar de Química”.

Depois do acidente, o alarme manteve-se silencioso: os membros do corpo docente foram incumbidos de avisar os restantes ocupantes da torre e complexos adjacentes — um a um. A abordagem oral porta a porta falhou em avisar diversas pessoas, entre as quais as que se encontravam no piso -2. A Prof. Maria Amélia Lemos justifica este procedimento: “ao ligar o alarme, a



O prof. Jorge Carvalho (à esquerda) a tratar das operações de limpeza em conjunto com os bombeiros.

electricidade vai abaixo, o que pode ser perigoso quando se estão a conduzir certos tipos de experiências”. Foi evacuada a torre e o pavilhão de Minas, cuja entrada está perto do local do derrame. Foi neste pavilhão que uma funcionária se sentiu mal por inalação de fenóis; na torre registaram-se sintomas de irritação das vias respiratórias, dores de cabeça e náuseas em estudantes e auxiliares de limpeza. Obviamente, as restantes aulas do dia foram canceladas (viva o fenol, viva!).

Como o alarme não foi dado, não se desencadeou o protocolo oficial de emergência e os bombeiros não foram chamados. A limpeza foi feita na própria quinta-feira por técnicos e colaboradores do laboratório em questão: primeiro com água (em quantidade insuficiente) e posteriormente com soda cáustica — para a transformação do fenol em fenolato de sódio. O Prof. Jorge Carvalho lamenta não haver uma sarjeta para escoamento junto à entrada do laboratório: segundo este responsável, tal evitaria a propagação dos fenóis. A lavagem não foi eficaz, pois ocorreu um fenómeno de adsorção dos compostos ao alcatrão, formando um filme que dificultou a drenagem.

[Continua na última página]

EDITORIAL

Na semana passada, as aulas na Torre Sul foram interrompidas por um inesperado acidente: derrame de fenol numa instalação piloto. Não se vai comentar aqui em detalhe o que aconteceu, nem quais os perigos do composto – toda a informação está no artigo de capa.

Mas é preciso esclarecer pelo menos um ponto sobre as reacções ao incidente por parte dos dirigentes da Escola – ou a falta delas: exceptuando um esclarecedor e-mail do professor Francisco Lemos enviado apenas aos docentes do Departamento de Engenharia Química e Biológica, não houve um único comunicado dos órgãos directivos ou dos responsáveis pela segurança – que é feito do Núcleo de Higiene e Saúde?

Assim, uma semana depois, ainda são poucos os alunos que sabem exactamente o que aconteceu nas tardes de 29 e 30 de Maio. É preocupante. Os compostos fénicos são irritantes quando inalados e algumas fontes citam-nos como cancerígenos. E mesmo que este último ponto não seja consensual entre os especialistas (a informação disponível é contraditória), os alunos – e restantes funcionários da Escola – têm o direito de saber o que aconteceu, quais as suas implicações e como se procedeu para resolver a situação.

Esperamos que o inquérito que está a decorrer dê frutos e que os seus resultados sejam públicos. E, já agora, que o derrame sirva, pelo menos, para debater algumas questões pertinentes. Porque não há sarjetas na zona do laboratório? As instalações piloto são realmente vantajosas e necessárias? E estarão a funcionar nas condições ideais? Ficam no ar estas e muitas outras questões.

Sendo o tema polémico e estando pouco esclarecido, merece honras de capa nesta edição. O Diferencial cumpriu mais uma vez a sua missão: informar a Escola. Os responsáveis do IST falharam redondamente.

FICHA TÉCNICA

João Ferrão, Joana Gonçalves, Sebastião Thomaz –Direcção
Jorge Páramos –Editor
Ana Cravo, Bernardo Sousa, Catarina Rocha,
João Rodrigues, Marco Antunes –Redacção
Nuno Pires, Luís Figueira –Apoio

Jornal Diferencial

Associação dos Estudantes do IST
Av. Rovisco Pais, 1049-001 Lisboa
diferencial.ist.utl.pt
jornal@diferencial.ist.utl.pt

Tiragem: 2000 exemplares.

O Diferencial é uma publicação da AEIST

Com o apoio do concurso de actividades extracurriculares IST/BPI



Sinais na bochecha...

Viver em três continentes convenceu-me de que a experiência que se tem de algo só está completa quando se experimenta o lado mais belo, assim como o mais medonho. Que declaração abstracta! E contendo também uma das palavras mais abstractas para o Homem – beleza. Uma palavra que coabita com o seu oposto, um sinal na bochecha de uma mulher!

As primeiras semanas em qualquer país são o período de lua-de-mel e tudo parece risonho, mas Portugal apresentou-me o divórcio ainda antes de ter aprendido a dizer “Eu amo-te”. Tendo vivido na Índia e China, ri-me da interminável burocracia que aqui encontrei como de uma absurda madrasta.

Mas a minha imunidade falhou-se quando vi um rapaz, contorcendo-se de dor à porta da Associação de Estudantes, continuamente gozado pelo marginal que lhe bateu e à mercê da audiência que entretanto se tinha juntado. Os meus pés entorpecidos não se conseguiram mexer e rezei com toda a energia que me restava para que alguém da Associação de Estudantes sáisse e tomasse conta da situação.

O que não aconteceu. Esperei ainda vinte minutos até que a polícia chegasse e tomasse o protagonismo do meu pesadelo. Não consegui dormir durante dias, sendo o meu único conforto as lágrimas que chorei do rio das lágrimas do rapaz. A experiência foi algo como um sinal repugnante, que destrói a beleza de um rosto e nos persegue durante muito tempo...

Ainda estava eu a recuperar do meu pesadelo quando um dia vi a Andreia, uma das muitas raparigas que agraciam as fronteiras do Técnico depois do pôr-do-sol. Um olhar de relance na sua direcção fez-me ter a certeza de que ela era especial. Que pose, que confiança, e que belo sinal mesmo por cima do maxilar! Sem sucesso, tentei manter uma conversa com muitas das suas colegas... *Voilà!* Até falava inglês.

Sendo uma verdadeira profissional, quis fazer bem o seu trabalho e não estava interessada em nenhum artigo jornalístico. Quando a minha lábria fracassou algumas vezes, aceitei as condições que ela impõe para o seu tempo: 45 euros, uma vez ou 20 minutos, sem beijos com língua, sem sexo anal, tudo com preservativo, só oral e sexo...e respeito. Nos sete minutos que demorámos até ao hotel, a Andreia concordou em usar a sua língua para um exercício não-

sexual. Fiquei maravilhado com a força desta estudante romena que bioquímica de apenas 20 anos: vem a Portugal três meses durante as férias da faculdade, todos os anos, e ganha 350 euros por noite pelas seis horas que trabalha. Apesar do trabalho nocturno exaustivo, estuda arduamente durante o dia para manter as boas notas e acabar o seu curso a tempo certo.

Se as pessoas que mencionam a AEIST no seu currículo tirassem alguma inspiração e extraíssem um pouco do seu profissionalismo e sentido de objectivo, poderia ser que não os achasse tão repugnantes, tanto quanto gostei de beijar o sinal na bochecha da Andreia... Estará a minha experiência em Portugal completa?

– Puneet Sahani, traduzido por Catarina Rocha

Relatos do além:
O mendigo poliglota

França, Lyon. Um domingo igual a tantos outros, a meio do estágio de fim de curso.

O Manoel, o Rodrigo e eu regressávamos a casa depois dum alegre passeio vespertino. Um mendigo, daqueles que está no metro a pedir, ouve-nos a falar estrangeiro e pergunta:

– *¿Teneis una moneda para un pobre hombre?*

Chamou logo a nossa atenção. Para não lhe dar dinheiro, fizemos um ar de quem não estava a entender, ao que o velhote responde:

– *Do you have a coin, sir?*

Achámos engraçado, mas não o suficiente para lhe dar a moedita. Continuámos a caminhar. Ao sentir-se ignorado, ele lançou mais um pedido:

– *Vous avez une piece, s'il vous plaît?*

Desmanchámos-nos a rir; mesmo assim, para não lhe dar guita, dissemos-lhe em português que não tínhamos moedas. O sacana responde:

– *Vá lá, arranje uma moedinha para o velhote!*

Ficámos boquiabertos. Um mendigo poliglota! O homem dominava no mínimo quatro línguas. Resta saber qual era a sua nacionalidade, mas a julgar pelo sotaque devia ser mesmo francês – e com formação profissional na área da mendigagem. Rendemo-nos. Demos-lhe uma nota de cinco euros. Ele mereceu-a!

– Victor Costa

Espaco Lifestyle
Miguel DeRose

Bem-Estar Concentração Respiração Flexibilidade
Descontracção Gestão de Stress Vitalidade Força

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA ALUNOS, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DO IST

Av. Manuel da Maia, nº50 - R/C DTO www.espaco-lifestyle.org



Desacordo Ortográfico

Vasco Graça Moura é um escritor e tradutor português, vencedor de inúmeros prémios, como o de tradução do Ministério da Cultura Italiano. É conhecido pelo seu alinhamento político e interveio no Parlamento contra o acordo ortográfico. Dia dois de Maio lançou uma petição que foi assinada por mais de quatro mil pessoas e entregue ao Presidente da República.

Em quem confiaria para fazer um acordo ortográfico?

Começaria por incumbir do projecto uma equipa de linguistas. Depois ouviria com muita atenção a opinião de escritores, professores de português, editores, etc..

Para si quais são as possíveis vantagens e as desvantagens de um acordo?

Vantagens, não tem nenhuma. Desvantagens, várias e graves: não assegura nenhum tipo de unidade da grafia e, ao aceitar as ditas grafias facultativas, instala o caos na escrita da nossa língua. Deixa de haver regras nesse aspecto. Isso, como já foi sublinhado, é exactamente o contrário da ortografia; e é o que este acordo consagra abundantemente...

Como o acordo ortográfico tornará a língua mais abrangente, não sairá Portugal beneficiado neste aspecto?

A nossa língua é tão abrangente que tem vivido muito bem sem o acordo, desde há séculos. Nunca fomos prejudicados, nem ela o foi, pelas diferenças gráficas: os Governos e os diplomatas não deixaram de intervir e de se entender, os empresários não deixaram de fazer os seus negócios, os leitores não deixaram de

ler livros editados em Portugal ou no Brasil. Essa é uma falsa questão.

Existem influências africanas no acordo ortográfico? Porque tem sido a opinião dos PALOPs tão menosprezada?

Salvo uma regra quanto à grafia de topónimos e de antropónimos, o acordo não contém quaisquer regras para a grafia de palavras africanas que sejam incorporadas no português. Quer uma prova? No mais recente dicionário da língua, que se proclama conforme ao acordo, a unidade monetária de Angola tem nada menos que três grafias: *cuanza, kuanza e kwanza...*

“E poder-se-á chegar a um acordo quanto a termos tão simples como “xerox” e fotocópia?”

Será isto a tal unidade? O acordo foi um negócio entre Portugal e o Brasil em que a África e outras regiões do mundo que falam português ficaram subalternizadas de todo.

Como vê uma sociedade dividida entre aqueles que foram educados segundo as regras do acordo ortográfico e aqueles que não o foram?

Aqueles que tiverem sido educados segundo as regras do acordo terão, a breve trecho, alterações de pronúncia e grafias sem pés nem cabeça. De manhã, posso resolver escrever “setor”, à tarde “sector” e à noite outra vez “setor” e ninguém me vai à mão por isso. E, se escrever “recetivo” em vez de “receptivo”, é evidente que o “e” aberto que antecede o “p” passará a fechado dentro de pouco tempo...

As línguas vivas têm uma essência orgânica: nascem, crescem e mudam com o tempo. Não concorda que a ortografia também deve seguir esse caminho?

Concordo, mas não é por imposição legal nem administrativa. É pela prática de autores, da comunicação social, das chamadas autoridades vivas da língua...

Certos autores, como José Saramago ou Miguel Sousa Tavares, recusaram-se a ver os livros traduzidos em português do Brasil quando foram vendidos além-Atlântico...

Penso que fazê-lo seria um erro, mas cada um sabe de si. Também há livros brasileiros publicados em Portugal com a grafia brasileira e não vem daí mal ao mundo. No meu caso, imponho a grafia portuguesa.

Num jornal de uma escola científica, esta pergunta é inevitável: acha urgente criar uma linguagem portuguesa unificada de termos científico-tecnológicos?

Acho. E isso consta do Art. 2 do Acordo que nunca foi cumprido e devia anteceder a sua entrada em vigor... Sem se elaborar esse vocabulário técnico-científico comum, o Brasil continuará, por exemplo, a dizer AIDS e nós SIDA. Já viu o reflexo que isto tem nos custos de uma campanha junto de meios pouco ou nada alfabetizados? E poder-se-á chegar a um acordo quanto a termos tão simples como *xerox* e *fotocópia*?

Acha que Portugal tem legitimidade para recuar agora e não ratificar o acordo, depois de o ter assinado e promovido?

Tem: primeiro, porque vários países não o ratificaram nem se mostram interessados em fazê-lo, decorridos 18 anos; segundo, porque a ciência linguística evoluiu muito; terceiro, porque os Governos não atenderam aos pareceres negativos emitidos e deveriam tê-lo feito. O Brasil levou 6 anos a cumprir o acordo de 1932 e nunca chegou a cumprir o de 1945...

— Sebastião Thomaz



Aló Presidente

Na sexta-feira passada, tomou posse a nova direcção da AEIST. Preside-a o aluno de Engenharia Electrotécnica e vice-presidente da direcção cessante, Jean Barroca. Foi eleito como membro da lista W, com 401 votos a favor — votaram 462 alunos, numa eleição com lista única. O Diferencial dá a conhecer o novo presidente da AEIST e quais as suas ideias para o próximo ano.

Porque decidiste candidatar-te à presidência da direcção da AEIST?

Decidi candidatar-me porque tinha a certeza que tinha um projecto e porque me fui apercebendo que tinha uma equipa com vontade de trabalhar e continuar o trabalho das outras direcções. Foi isso que me motivou para começar a perguntar às pessoas o que achavam de continuarmos mais um ano nesta aventura — mas também convidar pessoas novas para completar a lista.

Quais foram os critérios para criar a lista?

Pessoas motivadas, pessoas que eu conhecia por participarem no IST em outras iniciativas. Pessoas que ao longo do ano nós fomos conhecendo no dia-a-dia... Apercebi-me que o IST é muito grande mas, ao mesmo tempo, não há assim tantas pessoas interessadas.

Disseste que te candidataste porque tinhas um projecto. Qual é?

O projecto assenta acima de tudo numa ideia principal: aproximar a associação dos alunos. É tentar fazer com que no IST se possa conviver,

que as pessoas saiam com uma experiência diferente da que até hoje tem sido regra.

Mas esse tem sido um projecto falhado por quase todas as direcções...

Acho que as direcções anteriores não estavam em tão boa posição como nós estamos agora. A AEIST teve dificuldades financeiras, mas elas já estão ultrapassadas. Também houve uma grande reestruturação a nível interno e de

serviços, situação que hoje já está mais ou menos estabilizada. Eu reconheço muito o papel das direcções anteriores, porque souberam dar importância à parte não visível.

Então este ano como vai ser feita essa aproximação?

Estamos em condições de nos virarmos um bocado para fora. No passado, este projecto não foi falhado só por parte das direcções mas sobretudo pelo próprio IST, pelo Conselho Directivo (CD) e por todos nós que cá andamos no dia-a-dia. Nenhum de nós pode dizer que fez um grande

esforço para mudar a forma como se está no IST.

Quais são as responsabilidades do CD?

Acima de tudo, o CD tem uma visão muito canónica, muito inflexível de aquilo que deve ser o IST. Tem uma visão do IST de excelência, de rigor — e não significa que nós não concordemos com ela, mas é preciso saber que por trás de tudo isso estão pessoas. Não só do trabalho de investigação ou académico se faz a formação das pessoas.

Como está a situação financeira da AE?

Está muito melhor que há vários anos atrás. Não tenho um conhecimento profundo daquilo que é a tesouraria da AEIST, não tive funções nessa área; no entanto, sei que as coisas neste momento estão bem. A AEIST resolveu grandes partes dos problema, limpou completamente algumas dívidas que tinha, e hoje está em condições de assumir projectos mais ambiciosos, desenvolver novas ideias e novos caminhos.

Quais são esses novos projectos?

O caso do projecto da Xerox, da impressão descentralizada, que tem o patrocínio do BPI. Já tem vindo a ser feito há mais de dois anos.

O que é esse projecto da Xerox?

Trata-se de um conjunto de impressoras descentralizadas em vários edifícios do IST, aos quais os alunos podem aceder através de um portal on-line, onde poderão imprimir documentos a partir de casa. Os próprios professores poderão descarregar lá sebtas e o aluno, mediante a apresentação do seu cartão de sócio e de uma palavra-chave, imprimi-los ao custo de uma cópia na Secção de Folhas.

Para este ano, qual é o maior problema?

É antes da reformulação dos estatutos do IST, antes de se tomarem novamente decisões que têm imensa importância na forma como o IST funciona e será organizado nos próximos anos: não nos próximos um dois anos, mas talvez daqui a cinco ou dez.

Como vê a reforma do ensino superior?

Esta reforma foi terrível para a representatividade dos alunos, para muitas das bandeiras que tínhamos e nos davam algum poder institucional. Por outro lado, vai



reforçar o papel da AEIST como defensora dos direitos dos alunos. A partir do momento em que as pessoas sentem que há decisões tomadas que são contrárias aos seus interesses, unem-se e vão voltar àquele grande motor de lutas e reivindicações que era a AEIST.

O que é que a AEIST pode fazer para voltar a ter esse poder?

O grande poder da AEIST são os alunos, são as pessoas que se motivam, são pessoas que participam, que se indignam. Mas, não digo que vá haver uma grande revolução para o ano que vem — porque de facto não vai.

Como está a situação em relação ao arraial?

O arraial não depende da AEIST. O arraial é uma vontade, um objectivo. Vamos tentar arranjar alternativas aos problemas que se criaram, para trazer de volta o arraial. É importante voltar a trazer o arraial ao IST.

No entanto, não quero que seja esse o objectivo do mandato: a AEIST é muito mais o que isso e o mandato como presidente e de uma lista envolve muito mais esforço, tempo e projectos do que o arraial.

Há planos para obras?

O átrio da AEIST está num estado que não é o mais agradável. O bar da cantina tem apenas o protocolo pendente com a CGD; se conseguíssemos fazer com que este fosse revogado, gostávamos de ver outro concessionário a explorar o bar. Na parte onde hoje está a sala de projecção digital, e que já não é utilizada, existe o projecto da instalação do estúdio da Rádio Zero. Na sala onde se encontra o Núcleo de Arte Fotográfica (NAF, no pavilhão da Secção de Folhas) gostaríamos de ver uma sala-estúdio criada. Os projectos prioritários serão a criação do bar e da sala-

estúdio. Tudo o resto será feito de acordo com a viabilidade financeira.

Essa sala-estúdio seria utilizada por quem?

O espaço seria utilizado pelas tunas, pela Big Jazz Band (BJB) que também foi aprovada e vai ser criada, e por grupos de alunos que a quisessem utilizar. A sala-estúdio está a ser criada com o Gael Oliveira, da Rádio Zero, e com o núcleo de obras do IST.

E para onde iria o NAF?

O NAF hoje em dia sofre do problema da falta de participação de alunos do IST e de pouca gente se interessar pela fotografia analógica. No entanto, nós temos noção da importância do NAF, daquele laboratório e do valor do material que lá se encontra. Importa analisar a possibilidade do NAF passar para o Taguspark, ou para outra infra-estrutura dentro ou fora do IST, mas onde possam manter a sua actividade.

Mas o NAF revitalizou-se no fim do ano.

Quando se considera um projecto destes, não se pode pensar só hoje, começar a trabalhar

nele e decidir abandoná-lo porque estão poucas pessoas a colaborar. O NAF continua a dar cursos de fotografia, teve a iniciativa de fotografar alunos do IST... Tem tido de facto algumas actividades, e eu não defendo que o NAF deva acabar.

O que acho é que aquele espaço é necessário para um grupo maior de alunos e um tipo de actividades que não pode ser realizado noutra sítio do IST. Aquele espaço é ideal para a sala-estúdio e deve ser aproveitado. É uma decisão política. Temos, por vezes, de abdicar de algumas coisas para investir noutras que consideramos melhores.

E outras Secções Autónomas (SA) que têm estado menos activas como, por exemplo, o Núcleo de Actividades Subaquáticas (NAS)?

O NAS tem uma história semelhante à do NAF: não tinha de facto muita gente envolvida... Mas agora o João Rodrigues tem vindo falar connosco, que é uma pessoa motivada e a querer alterar a situação. Quer implementar a actividade de hóquei subaquático e retomar os cursos de baptismo de mergulho, por exemplo.

No fundo, o problema é o mesmo: não é fácil julgar o trabalho das pessoas nem o destino de uma SA, porque hoje podem estar completamente desactivadas e amanhã pode aparecer alguém que se sente muito motivado para fazer um bom trabalho. O próprio Diferencial no ano passado lançou uma edição só. Este ano tem feito um trabalho regular e, eu já reconheci isso, tem sido óptimo nesse sentido. No entanto, tudo isto é cíclico, nós nunca podemos obrigar ninguém a trabalhar.

—Bernardo Sousa



Vinho do Porto e croquetes para saudar a nova direcção

[Entrevista completa em diferencial.ist.utl.pt]



Retrato dos alunos

Uma parede, uma máquina fotográfica e um aluno – é tudo o que é necessário para o novo projecto do Núcleo de Arte Fotográfica do IST ganhar vida

Esta iniciativa, intitulada “Retratos ao Estudante do IST”, pretende fotografar todo o universo dos alunos de licenciatura, mestrado, doutoramento, pós-doutoramento ou até do programa Erasmus, independentemente do seu aspecto, idade ou origem. “Da soma de todos os retratos, esperamos ter uma boa representação da variedade dos alunos que percorrem os corredores do IST e que, assim, vão fazendo a história desta Instituição” refere Nuno Vieira Matos, mentor desta iniciativa.

Por outro lado, “esta iniciativa tem ainda a vantagem de aproximar ainda mais o NAF da comunidade de estudantes do Técnico”. Todas as quartas-feiras, das 20h às 24h, a porta da sala do núcleo (junto à secção de folhas) está aberta a todos os interessados. Segundo o mentor Nuno, “apesar de alguma timidez inicial, os fotografados depressa se sentem à vontade. Acho que temos conseguido retratos que fazem jus aos voluntariosos modelos!”.

Os retratados são convidados a colocarem-se de costas viradas para uma parede escolhida como cenário e que funciona como único elo de ligação entre todas as fotografias tiradas. Mas qual é a importância desta parede? “Tem o simbolismo óbvio de carregar em si o tempo de existência do NAF (mais de quarenta anos)” afirma Nuno Vieira Matos. “Para além disto, foram ainda considerados aspectos de ordem estética: a textura rugosa da parede amarela pela

passagem do tempo, os fios eléctricos que guilhotinam assimetricamente o espaço da fotografia e o quadro em corticite com uma mancha de causa desconhecida (ou esquecida). Trata-se de uma parede com muito charme!”

Para a Carolina, aluna do 2º ano de Engenharia Biológica, “estar à frente da câmara é mais intimidante que estar por detrás dela.” Porém, este pensamento não a impediu de participar nesta iniciativa — afinal, “trata-se de uma boa ideia: é apelativa e envolve todos os alunos”. Cada pessoa pode levar o que quiser e apresentar-se como preferir, tornando cada fotografia única e inesquecível. “No fim, depois de tirada a fotografia, tanto o fotógrafo como o fotografado se sentem enriquecidos com a experiência”, afirma Nuno Vieira Matos.

Neste momento, não existem planos para terminar este projecto: “ao longo do tempo faremos uma análise crítica do trabalho conseguido e será isso que determinará a altura em que o suspendemos e pensaremos nas melhores formas de o mostrar ao público”.

O melhor é aproveitar enquanto durar: se queres que o teu retrato fique registado para a eternidade, atreve-te! Para mais informações e marcação da sessão fotográfica, contacta nunovieiramatos@gmail.com.

— Ana Cravo

Alkantara encerra maravilhosamente

As sugestões para os últimos dias da segunda edição deste festival de artes performativas são Coisas Maravilhosas (na foto) e Pushed.

As escolhas são de Mark Deputter, director do *Alkantara*, e ilustram a diversidade da bienal lisboeta: a estreia nacional do coreógrafo Tiago Guedes e o exercício combinatório de Padmini Phettur sobre as danças clássica indiana e contemporânea (ver Agenda).

Diversidade é uma das palavras chave deste festival que se assume sem tema. Bailarinos, actores e *performers* de cinco continentes reuniram-se em Lisboa, apresentando-se em mais de uma dúzia de espaços distintos. Mark Deputter identifica como temas recorrentes desta edição a “globalização e as implicações políticas da arte.”

O mais conseguido pela mostra de duas semanas foi proporcionar um ambiente de feira urbana com espaço e tempo para reflectir sobre “espectáculos que ilustram as novas tendências da arte.” A afluência foi impressionante — e muito jovem — para um cartaz que aposta sobretudo em artistas emergentes.

O Diferencial fixa os bailarinos superlativos da companhia Akram Khan/Ballet Nacional da China, a coreografia minimal da companhia Nacera Belaza e a violência do documentário vivo sobre a polícia militar brasileira, *Chácara Paraíso*. Regista também o *Banquete* no Palácio da Ajuda, com uma ementa do tipo *Blade Runner* invade cozinha *Hare Krishna* — boa performance, comida fraca. O *Alkantara* regressa em 2010.

— Nuno Pires

IST - PGR



A Procuradoria Geral da República, o IST e o INESC — Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores celebraram um protocolo de cooperação técnica e científica na área da Eng. Organizacional, Arquitectura dos Sistemas de Informação e Organização e Gestão por Processos. Assim, pretendem-se soluções mais eficazes de carácter organizativo, funcional e tecnológico, no espírito de modernização da Administração Pública.

Estatutos da UTL



O processo de publicação dos estatutos da UTL está mais próximo do final: depois da sua aprovação na Assembleia Estatutária, estes foram enviados no passado dia 27 de Maio para a homologação pelo ministro da Ciência, Mariano Gago. Estes estatutos foram formulados no âmbito do novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior, aprovado na Assembleia da República há quase um ano.

Conversas com natas



Na companhia de um café e um pastel de nata, o pólo do Taguspark organiza conversas informais quinzenais. Os alunos, docentes e investigadores são convidados a opinar sobre as mais variadas áreas de investigação. No próximo dia 11, o *Tomasulo Hardware* será o tema de discussão. No próximo dia 25 de Junho a conversa girará em torno da computação quântica (embora seja impossível ter a certeza absoluta).

Inscrição 2º ciclo



Estão abertas as candidaturas para ingressar no segundo ciclo de estudos do IST. Os alunos que pretendam inscrever-se nos diversos mestrados disponíveis devem apresentar a candidatura até ao dia 16 de Junho. Se tens lugar na prateleira para mais um canudo e ainda não te fartaste da comida da cantina, é agora! Mais informações em <http://www.ist.utl.pt/html/perfil/candidato/mes/>

Caloiro-sitting



Para receber e acompanhar os novos colegas do primeiro ano (a caloirada), estão abertas as inscrições até ao mês de Julho para o Programa de Mentorado do próximo ano lectivo. Qualquer aluno, independentemente do ano e curso, poderá inscrever-se em <http://nape.ist.utl.pt/ment/insc.php> e contribuir para tornar a chegada dos novos alunos uma experiência menos aterrorizante e traumática!

P A S S A T E M P O S

Palavras cruzadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Horizontais

1 - defecar 2 - acomete; descendente de colonizadores holandeses da África do Sul 3 - vogais baralhadas; aqui; doutor (abrev.) 4 - marca de cigarros; país do sudeste africano 5 - valor anual equivalente (abrev. ing.); produto químico 6 - matemático russo; conversor analógico-digital (abrev. ing.); partida 7 - soldados da paz 8 - isto, aquilo (ing.); contração de preposição com artigo definido; faraó famoso (dim.) 9 - rede europeia de protecção de habitats naturais; roube 10 - deus (it.); música cantada principalmente por pessoas tristes e/ou alcoolizadas 11 - serra nacional; marido.

Verticais

1 - que provoca o mal-estar e a náusea 2 - órgão interno; lamento (int. pl.) 3 - cada elemento de uma corrente; jorro gástrico (pl.) 4 - direcção oblíqua; unidade de energia 5 - oitava letra; tipo de explosivo onde se inclui o *napalm* (abrev. ing.); Roentgênio (s.q.) 6 - Cério; aferição 7 - tumor maligno; limite inferior da frequência de amostragem, utilizada em processamento de sinais 8 - sismo; Forças Aéreas Portuguesas (abrev.) 9 - letra grega; integrado nas forças armadas 10 - nome (bras.); único (pl.) 11 - incomodativo.

Horóscopo e Tarot

Carneiro, o Mike

Ele Esses óculos escuros não te dão pinta de Horatio Caine: pára de falar em frases curtas.
Ela Perceberás que o segurança da discoteca da moda só te deixa entrar por medo: afinal, tu tens um caparroz bem maior que o dele.

Touro, a aluna de Erasmus

Ele Inscreve-te num curso de português para enganar estrangeiras: tudo o resto falhou.
Ela Voltas de um ano no estrangeiro: não aprendeste nada e já nem sabes onde moras.

Gêmeos, o professor

Ele Dás nota de zero a vinte às qualidades físicas da tua namorada. No fim não ficas satisfeito e adicionas dois valores para deslocar a gaussiana.
Ela Já que o professor reutiliza o exame do ano passado, decides fazer o mesmo com as cábulas.

Caranguejo, o dirigente associativo

Ele Esta época de testes transformou-te num cidadão interventivo: parece que há época especial para membros da associação!
Ela És directora de uma secção autónoma, mentora, membro do conselho pedagógico e delegada de ano: já ninguém te pode ver à frente.

Leão, o beto de Civil

Ele Poderás asfíxiar quando a camisola que levas aos ombros ficar presa na porta do BMW série 1 que recebeste por passar a Álgebra Linear.
Ela Na esplanada de Civil, um pombo vai pousar-te num dos brinco de agolas.

Virgem, a gaja boa de Electro

Ele O plano de exhibir os músculos com *t-shirt* sem mangas vai falhar, e a culpa não é da *t-shirt*.
Ela Num *casting* dos Morangos com Açúcar vais perceber que talvez não sejas assim tão boa quando te oferecem o papel de *nerd* do liceu.

Balança, o homem da secretaria

Ele Vais deixar crescer um bigode.
Ela Vais rapar o bigode.

Escorpião, o Tuno

Ele A tua petição para a inclusão no Cancioneiro Geral do "A mulher gorda a mim não me convém" vai recolher muito poucas assinaturas.
Ela Descobres que alguém limpou caca de cão do sapato com a fita que lhe deste para assinar.

Sagitário, a mulher da limpeza

Ele Limpas o quarto e fazes *feng shui* para te motivar para os exames: estudar é que não.
Ela Na *Jobshop* percebes que as únicas empresas interessadas em contratar-te são as responsáveis pelas mega-carpetes e os mini-rissóis.

Capricórnio, o geek de Informática

Ele Namorar via internet não tem mal nenhum, excepto quando estão na mesma sala. Sozinhos. Pronto, é mesmo mau: estão na mesma cama.
Ela Um colega vai apaixonar-se por ti ao ver que sabes fazer um *pipe* em UNIX. Não leves a mal se ele quiser fazer um *grep* no teu *output*.

Aquário, o doutorando

Ele Percebes que os teus amigos ou recebem o mesmo dinheiro por metade do trabalho, ou produzem o mesmo pelo dobro do ordenado.
Ela Tens saudades dos teus tempos de balda. Para os relembrar, deixas a centrífugadora a girar mais dez segundos que o necessário.

Peixes, o cromo de Física

Ele Se calhar há raparigas que apreciam quem saiba o alfabeto grego de cor: continua a tentar.
Ela Na revisão de prova vais corrigir o professor três vezes, e nem sequer será sobre o teu teste. Alias, nem saberás qual a cadeira em questão: vais passar no corredor e entusiasmar-te.

Agenda

Não é mentira, há coisas maravilhosas e o Diferencial recomenda uma tantas. Com o Santo António à porta, a Tuna traz o cheiro a manjerico com cerveja.

Música Pop

Rodrigo Leão & Cinema Ensemble

No âmbito do projecto que levou artistas às sete maravilhas de Portugal, Rodrigo Leão dá um concerto no claustro do Mosteiro dos Jerónimos. O músico português que tem andado em digressão apresentando a banda-sonora que fez para a série documental de António Barreto, volta a tocar os temas que fazem parte da sua carreira a solo. Dia 5 de Junho de 25 a 35 euros

Dirty Projectors

Apesar de terem nome de banda, os Dirty Projectors são um projecto a solo de Dave Longstreth. Ex-aluno da Universidade de Yale que desistiu dos estudos para

enverdar pela carreira musical. Dave lançou o seu terceiro álbum, Rise Above, o ano passado e agora vem apresentá-lo na Galeria Zé dos Bois.

Com a primeira parte a cargo dos portugueses Gala Drop, trio de música com texturas ambientais pós-psicadélicas. Dia 6 de Junho por 10 euros.

Liars

Com uma sonoridade que mistura o pós-punk e a música de dança, os Liars vêm mostrar o seu quarto álbum. Cancelaram um concerto em Portugal há uns meses para poderem ir em digressão com os Radiohead, mas agora não irão faltar. No Santiago Alquimista, dia 9 de Junho, com bilhetes a 18 euros sendo que, se comprados com antecedência, custam 16 euros.

Teatro

Os Cenci

O grupo de teatro da Universidade Técnica de Lisboa apresenta Os Cenci, peça da autoria de Antonin Artaud. O espectáculo conta com a colaboração de vários artistas na concepção do cenário, nos figurinos, nos movimentos e no espaço musical. Para ver no Cabaret Maxime, de 5 a 8 e de dia 13 a 15 de Junho. Os bilhetes custam 5 euros.

Livros

Feira do Livro

Depois de muita polémica, a 78ª Feira do Livro de Lisboa já abriu e com mais de duzentos pavilhões. No Parque Eduardo VII até 15 de Junho com livros para todos os gostos.

Festivais

Festival Internacional de Tunas

A Tuna Universitária do Instituto Superior Técnico participa este ano no Festival Internacional de Tunas que se realiza nos dias 12, 13 e 14 de Junho. O primeiro dia será na Festa dos Manjericos no Largo do Carmo e os seguintes na Aula Magna. a entrada é livre.

Dança

Coisas Maravilhosas

Um evento no âmbito do Festival Alcantara, Coisas Maravilhosas é coreografado por Tiago Guedes e relata a viagem por um mundo imaginário construído a partir de outros mais reconhecíveis. A

peça pode ser vista na Culturgest nos dias 5 e 6 de Junho. A entrada custa 10 euros.

Pushed

Mais um do Alcantara, Pushed foi criado a partir das sete emoções de base da filosofia coreana. No Museu do Oriente, nos dias 7 e 8 de Junho, por 5 e 10 euros.

Maribor Ballet Ensemble

Pela primeira vez em Portugal, a companhia eslovena vem apresentar o seu último trabalho Radio and Juliet. Coreografado por Edward Clug, é uma visão moderna do clássico de Shakespeare Romeu e Julieta. Dias 13 e 14 de Junho no Centro Cultural Olga Cadaval. Os bilhetes vão dos 20 até aos 25 euros.

Cheira mal, cheira a fenol

[Continuação da primeira página]

Quanto ao grau de toxicidade, as opiniões são discordantes: segundo o Prof. Henrique Matos, “o fenol é apenas irritante”. Já a Prof. Teresa Duarte discorda, argumentando que “é cancerígeno — como qualquer composto aromático, dependendo da concentração”.

A informação disponibilizada pelo DEQB cita a Agência Internacional de Investigação do Cancro da Organização Mundial de Saúde: esta confirma que é possível que alguns fenóis sejam cancerígenos. Outros efeitos da exposição prolongada ou repetida a vapores de fenol: náusea, vômito, desmaios, tonturas, choque, convulsões, problemas no fígado, rins ou sistema nervoso central — e diarreia.

No dia seguinte (sexta-feira) repetiu-se a evacuação, “para uma limpeza mais intensa” explica a Prof. Teresa Reis. Mas não só: “a professora teve de desistir de dar a aula a meio porque não se sentia bem” queixa-se Inês Lino, aluna de Eng. Química. Segundo o comunicado que circulou apenas pelo corpo docente na segunda-feira, o Prof. Francisco Lemos indica que ao fim da tarde de sexta “foram feitas

medições de teor em Compostos Orgânicos Voláteis (COV) totais, tendo todos os valores ficado abaixo do nível considerado aceitável para gabinetes, com excepção de dois locais: nas instalações piloto e no gabinete e secretariado do DEQB”.

No sábado as instalações receberam finalmente a visita de uma brigada dos bombeiros. Esta removeu os ditos contentores (que se mantiveram nas traseiras da Torre) e fizeram uma última descontaminação do pavimento.

O caso chegou ao Conselho Directivo que, a pedido da Comissão Executiva do DEQB, abriu um inquérito para averiguar responsabilidades. O Prof. João Silva, responsável pela segurança na Torre,

invocou o desenrolar do inquérito como motivo para não prestar esclarecimentos.

Na própria quinta-feira à noite o fenol manifestou-se na festa do Diferencial e da Associação dos Estudantes, na esplanada atrás da torre de Química: notaram-se sintomas em vários convivas que, depois de beberem alguns litros de cerveja fenolizada, vomitaram e sentiram tonturas.

— Joana Gonçalves e Catarina Rocha



À porta da Torre de Química após a segunda evacuação

The last fifteen days at Técnico

Diferencial is back and it returns with another eight-paged polemic issue. The main article is about a phenol leak, which occurred a week ago, behind the Chemistry Tower. The building was evacuated, with no alarm sounding, and reopened the next day — only to be evacuated again in the afternoon. We've heard different teachers with different opinions, so you figure it out.

This edition also features an extensive interview with recently bestowed student's union president Jean Barroca. He underlined issues such as student institutional representation and proximity, as well as the IST music festival, nowadays banned from the campus' grounds.

This time the Diferencial revives the controversy around the portuguese spelling reforms. Vasco Graça Moura, a renowned writer and translator with a strong political sense, tackles some of the bigger problems of the reform, emphasizing the lack of techno-scientific vocabulary.

In calmer news, we report on the photography club project. The concept is simple enough: to take pictures of random students in front of one specific wall. You can see one on page 6, and volunteer for a snapshot every Wednesday, from 20h to 24h. Finally, check our agenda and the last days of the Alcantara Festival.